

## **A DIVERSIDADE CULTURAL: UMA ALTERNATIVA PAR A LEITURA COMPREENSIVA**

ÂNGELA MARIA MENDES (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE).

### **Resumo**

A escola pública tornou-se acessível aos mais variados grupos sociais e isso gera novos desafios e novas preocupações pedagógicas: a leitura utilitarista que promove o desinteresse nos leitores e o desconhecimento da origem étnico-cultural dos alunos. Considera-se que o reconhecimento da origem étnica do educando deva ser o ponto de partida para a discussão sobre o preconceito e a intolerância que comprometem a aprendizagem do aluno-leitor. É preciso lembrar que ninguém nasce racista. O preconceito surge no convívio em família, na escola e na sociedade. Percebe-se ainda a influência da televisão que propaga idéias discriminatórias e valores distorcidos, mídia que a maioria da população tem acesso. Assim, preparar os alunos para o exercício da cidadania torna-se difícil se o preconceito encontra-se embutido nos colegas de classe, nos pais dos colegas, e até mesmo no corpo docente, já que a escola é um lugar de construção desse exercício. Para superar essa realidade, faz-se necessário desenvolver um plano de ação que contemple a inclusão de todos no acesso aos bens culturais e ao conhecimento. Por isso, este estudo propõe uma reflexão teórica sobre a leitura crítica proposta por Kleiman (2002), Smith (1999) e Freire (1996) como caminho norteador das ações educativas para a transformação desta realidade e a implementação da Lei nº 10.639/2003.

### **Palavras-chave:**

leitura, diversidade cultural, ensino.

Um dos desafios da escola hoje é fazer com que os alunos leiam e se tornem leitores autônomos: sejam capazes de escolher o que e como ler considerando sua origem (etnia, classe social etc.). A competência leitora coloca-se com uma habilidade que emancipa o indivíduo para lidar com as demandas colocadas para o domínio da leitura e da linguagem escrita que exigem o desenvolvimento de atitudes cada vez mais complexas a quem vive em uma sociedade como a nossa repleta de informações. A palavra escrita é um patrimônio da cultura letrada, logo a leitura e a escrita devem ser compromisso de todas as áreas do conhecimento. O estímulo, a partir do mundo da escrita, favorecerá a construção da leitura compreensiva e de leitores proficientes, entende-se que é o papel da escola promover e desenvolver estas habilidades.

Outra preocupação deste estudo é com as formulações teóricas sobre o multiculturalismo no que se refere a relação dos potenciais e dos limites dessa abordagem para a construção da identidade étnico-racial nos espaços educativos, bem como no desenvolvimento de caminhos investigativos que tratem dessa construção a partir da ótica daqueles sujeitos cujas identidades tem sido alvo histórico de preconceitos, discriminações e exclusão social.

Há muitos anos que a sociedade, principalmente através do movimento negro, vem chamando atenção para os problemas educacionais que os negros enfrentam como: analfabetismo, evasão e baixa escolaridade. O Brasil é habitado por cerca de 76 milhões de negros e pardos, o equivalente a 45% da população. Portanto, os negros não podem ser considerados uma minoria num país que só perde para a Nigéria em quantidade de afro-descendentes no mundo. No Brasil, o preconceito é de marca, não de origem, ou seja, são os traços: o cabelo, a cor da pele, as linhas

do rosto que indicam que você é negro e é essa a marca que propicia a discriminação. a discriminação racial não se trata de um conflito apenas entre indivíduos, mas também entre o Estado e uma parcela significativa da população. Além disso, mais importante do que punir comportamentos individuais, é necessário promover políticas públicas e educacionais que garantam o princípio da igualdade racial, a Lei Nº10.639/2003 que institui o ensino obrigatório de História da África e da cultura afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares reconhece as reivindicações dos movimentos negros brasileiros.

### **Leitura na escola**

Nas situações escolares em que não há um relacionamento entre alunos e textos, a língua é vista como um elemento imutável e fixo, e são totalmente ignoradas as circunstâncias sociais e históricas de sua produção. O aluno-leitor lê textos sem que saiba por que o faz, isso acarreta falta de objetivo para a leitura e prejudica a compreensão gerando a leitura centrada no ensino mecânico desta atividade. Segundo Kleiman (2002), o ensino mecânico da leitura reflete nas seguintes práticas: a) o texto como conjunto de elementos gramaticais com significados e funções independentes do contexto em que se inserem; b) o texto como repositório de mensagens e informações onde o aluno deve extrair o sentido de cada palavra para chegar à interpretação do texto; c) a formação do leitor passivo; d) o professor dá a última palavra na interpretação do texto; e) a interpretação ora está centrada no aluno (qual a sua opinião), ora está centrada no texto; f) não existe interação entre professor e alunos pois ambos estão ocupados em responder as questões e localizar informações no texto.

Tal abordagem, que considera a linguagem como um objeto estático desvinculada da realidade, leva o aluno a se desinteressar-se, cada vez mais, do estudo da linguagem, que passa a ser para ele algo totalmente destituído de sentido, visto que não representa nem espelha suas vivências reais, suas experiências em sociedade. Assim, a leitura que se apresenta é o que se pode chamar de leitura decodificada. O aluno se alfabetiza para o uso "utilitário", fará uso da leitura para ler na escola: enunciado de exercícios, problemas matemáticos, lista de palavras com escrita semelhante para que possa memorizá-las a fim de escrevê-las corretamente, conceitos, fatos históricos e informações muitas vezes bastante distantes de sua realidade, distantes de seus interesses e inquietações e, algumas vezes, até inúteis para a sua vida. esta prática distancia a leitura de sua função social, pois o aluno é objeto, visto que a ele não é dada nenhuma oportunidade de ler e entender o mundo a partir de sua própria realidade e perceber que essa realidade é também construída por ele podendo ser modificada se assim o desejar.

Por outro lado, os alunos negros além de enfrentarem a leitura sem sentido, vivenciam manifestações racistas e discriminatórias através de atitudes agressivas, como xingamentos, atitudes de afastamento dos colegas que geram a negação a identidade por vergonha de sua aparência física (o corpo, o cabelo, a cor, o cheiro). exemplo disso está nos livros de história em que o negro costuma aparecer amarrado no tronco, recebendo o açoite, observa-se aí a passividade da personagem ficando a impressão que ela não sente dor e está ali numa "boa". É preciso lembrar que ninguém nasce racista, o preconceito surge do convívio em sociedade, na família, na escola.

Um dos elementos mais importantes no processo de constituição social do sujeito é a identidade, pois ela se constrói em determinado contexto histórico e cultural e está relacionada aos referenciais coletivos de inserção a um grupo, aos

usos sociais das formas de reconhecimento e aos processos culturais de construção de representações simbólicas. O racismo no Brasil e suas derivações como o preconceito e a discriminação racial são historicamente produzidos e reproduzidos no âmbito simbólico -cultural e através das práticas sociais são fundamentadas numa ideologia de superioridade branca e dominadora, que se dá num processo de desfiguração da identidade social e cultural da população negra.

A principal função da educação é o seu caráter libertador. educar não é repassar informações, mas criar um patrimônio pessoal. Então, é dever da escola respeitar os saberes dos alunos e encarar os educando não como massa a ser informada mas sim como sujeitos, capazes de construir a si próprios e de desenvolver seu pleno potencial. (apud acordacultura)

### **Aprendizagem significativa**

A leitura compreensiva parte dos conhecimentos prévios do leitor, de seus objetivos para realizar a leitura e de sua motivação para enfrentar o texto. O conhecimento prévio equivale ao conhecimento que o leitor adquire ao longo de sua vida na relação com o outro. Para Kleiman (2002), este conhecimento permite ao leitor fazer inferências necessárias para relacionar diferentes partes do texto num todo coerente. As inferências feitas são a lembrança do texto. Portanto, a leitura implica uma atividade de procura por parte do leitor no seu passado dos conhecimentos relevantes para a compreensão do texto. O texto fornece pistas e sugere caminhos, mas certamente, não explicita tudo o que seria possível explicar, segundo a autora. Para compreender, o leitor vai ajustar os seus saberes, aos seu horizonte de expectativas anteriores, a mais ou menos familiaridade com a linguagem que se usa para escrever, ao seu maior ou menor domínio acerca do assunto tratado, aos seus valores e crenças aos objetivos que orientam a atividade. Ele terá que buscar na sua origem saberes que possam contribuir para o sentido do texto. Uma forma de propiciar isso, é no currículo reconhecer a diversidade cultural.

A condição do afro-descendente na escola é uma história de silêncio ou da desigualdade social. compreender a diferença como diversidade é trabalhar em torno do binômio informação-educação, entendendo que ele representa mais do que produzir bons conteúdos culturais, mas contribuir para a construção de identidades por meio da ação educativa. A desigualdade evidencia uma estrutura cultural e social que acaba por mascarar uma discriminação mais profunda: a desvalorização, a desumanização e a desqualificação ou não-reconhecimento simbólico das tradições, saberes e fazeres do povo afro-descendente. Por exemplo, o coletivo, a comunidade, não se pode imaginar a cultura negra sem o grupo. A resistência negra se deu no contexto da comunidade terreiro, situada nos templos das religiões de matrizes africanas, ou em contexto das comunidades quilombolas. Ao tratar da construção do sujeito no centro das comunidades negras, tem que considerar as vinculações entre pertencimento racial, na medida em que várias das representações explícitas pelo segmento em questão são decorrências da articulação entre as identidades de raça, de gênero e de classe, as quais exigem de todos um olhar atento acerca do que vem a ser a diferença para os sujeitos que são afro-descendentes.

Nas sociedades contemporâneas, o processo identitário que plasmava a noção de sujeito acabou se tornando provisório, variável e problemático. É o instante em que começa-se a perceber a insustentabilidade de algumas concepções anteriores. Não se vislumbra mais um sujeito com uma única identidade, absoluto e imune a crises existenciais, porém, portador de várias identidades que coexistem, às vezes, em conflito, como afirma Hall, 2006.

Na abordagem do ensino em que a leitura tem sentido, o professor incorpora em sua prática a diversidade cultural e compreende o processo de aquisição de leitura para planejar sua ação educativa. Para compreender o processo de aquisição da leitura, segundo Smith (1999), o professor deve saber como o cérebro funciona no ato de ler. Para o autor, a leitura compreensiva realiza-se além dos olhos sobre o texto, os olhos veem, mas é o cérebro que faz a leitura, ou seja, dá sentido ao que se vê, isto significa saber sobre os mecanismos da memória e da atenção, saber da capacidade de correr riscos que a leitura exige; da natureza e os usos da linguagem; da compreensão da fala; das relações inter-pessoais; das diferenças sócio-culturais; da aprendizagem em geral e da aprendizagem em particular de cada indivíduo.

Outro aspecto deste pensamento é saber que aprender a ler não envolve nenhuma atividade que os alunos já não tenham executado para aprender a entender a linguagem falada em casa ou ao encontrar sentido no mundo visual que os cerca. Segundo o mesmo autor, o significado vem antes da leitura, pois todos procuram sentido em tudo a partir da sua teoria de mundo. Por isso, o aluno deve ler o texto todo, mesmo sem saber o significado de algumas palavras, podendo se concentrar no sentido global do texto e entendê-lo, pois a leitura sem sentido é impossível.

Segundo Freire (1983), a leitura do mundo precede a leitura da palavra, a leitura da palavra contribui para alterar (aprofundar ou transformar) o conhecimento existente. O autor acrescenta que a linguagem e a realidade são inseparáveis, uma complementa e interage com a outra. Então, o texto deve ser lido buscando a construção do seu sentido global: a compreensão, a percepção das relações entre o texto e o contexto. O sentido do texto é construído na interação sujeito-texto, sendo que para que ocorra essa produção de sentido deve-se levar em conta o contexto, na medida em que o leitor considera aspectos que dizem respeito ao conhecimento da língua, do mundo e da situação comunicativa. Ao entrar em uma interação, cada um dos parceiros traz consigo sua bagagem cognitiva, ou seja, um contexto.

O texto é uma estrutura porosa que depende do trabalho cognitivo do leitor para construir os sentidos. O que não significa que o leitor esteja livre para atribuir qualquer sentido ao que lê, o material para ler regula a atividade interpretativa à medida que fornece indícios que orientam quem lê, a prática de leitura se realiza como interação entre textos e leitores. A compreensão é garantida à medida que o leitor atribui sentido às coisas. Uma maneira de garantir que a leitura se transforme em aprendizagem significativa é ativar o conhecimento prévio relevante aliado aos objetivos de uma determinada situação de leitura e motivar o leitor para o texto.

Os objetivos e os propósitos para a leitura devem ser estabelecidos pelo professor respeitando a motivação e os saberes do leitor, considerando que a leitura é um processo de busca da curiosidade, do prazer e do conhecimento. Embora sabe-se que a motivação para a leitura pode ser despertada pelo professor apaixonado por um determinado texto, isso não é o suficiente, o leitor também tem que se sentir parte da atividade de leitura, sabendo o que esperar dela. Para Kleiman (2002), a capacidade de estabelecer objetivos na leitura é considerada uma estratégia de controle e de regulamento do próprio conhecimento, é uma atividade que contribui para o leitor fazer hipóteses e as testar a medida que lê. Outro aspecto importante é que o leitor quando formula hipóteses exerce controle do que está compreendendo. Durante a leitura é a compreensão do texto que permite ao leitor regular sua própria atividade.

Segundo Solé (1998), a leitura é um processo de emissão e verificação de previsões que levam à compreensão do texto, e tal processo envolve a capacidade de elaborar um resumo. Essa elaboração pressupõe a capacidade de diferenciar o que constitui o essencial do texto e o que é secundário, isso ocorre quando o indivíduo é um leitor ativo e pode fazer previsões em relação ao texto, ou seja, ele consegue utilizar estratégias leitoras. As estratégias de leitura servem para estabelecer certas regularidades que permitem adquirir instrumentos para o controle da compreensão. Para a autora, estratégia é um conjunto de procedimentos organizados cuja aplicação permite ao leitor avaliar, persistir ou abandonar determinadas ações, em função de um objetivo que foi planejado anteriormente. Ela é fruto de uma reflexão, de uma opção frente a uma situação concreta. A autora acrescenta que as estratégias de leitura são capacidades cognitivas de ordem mais elevada e intimamente ligadas à metacognição. Elas permitem a ação inteligente e planejada da atividade de leitura, já que, enquanto ações metacognitivas, permitem conhecer sobre o próprio conhecimento. Essa afirmação traz duas implicações: a) as estratégias leitoras precisam ser ensinadas ao aluno-leitor por um professor que saiba usá-las; b) o ensino de estratégias leitoras deve privilegiar o desenvolvimento de estratégias que possam ser generalizadas a outras situações e não se atenham a técnicas precisas, receitas infalíveis ou habilidades específicas. Deve-se ensinar com ênfase na capacidade de metacognição: avaliação, controle e flexibilidade de ações que podem ser mudadas em decorrência das situações de leitura. Isso implica dizer que conhecer um vasto repertório de estratégias é menos importante do que saber empregá-las. É necessário que o aluno-leitor saiba mobilizar e utilizar as estratégias em face da variedade de situações de leitura.

### **Diversidade cultural e ensino-aprendizagem de leitura**

A função da escola é de fornecer instrumentos necessários para que o aluno faça uma leitura compreensiva do mundo a fim de que ele possa assumir o controle de sua aquisição do saber e de sua formação contínua. Portanto, a responsabilidade do ensino da leitura e do convívio com a diversidade cultural é da escola inteira, não se pode restringir ao professor de língua materna ou se restringir ao ciclo I do ensino fundamental. Todos os professores são, em princípio, responsáveis por estimular a cultura letrada e a atitude de acolhimento e de aconchego, portanto, a leitura e a alteridade na escola. Cabe aos professores auxiliar o aluno a verbalizar suas expectativas sobre a leitura como: o que espera ler nesse texto? qual o assunto? qual será provavelmente a abordagem do autor?, para a partir daí, ampliar seus conhecimentos.

Nessa proposta de leitura, o professor mediador compartilha a sua experiência de leitor, reconhece as vozes, traz à tona as ênfases dadas pelo grupo, estabelece esta troca na relação com o leitor dentro do grupo. Entende que ler é aprender a confrontar textos, procurar as fontes originais, cotejar versões. Não há como desenvolver o leitor crítico com a leitura de um único texto e sem considerar a sua leitura de mundo, sua identidade cultural. Depois que cada leitor internaliza o diálogo com o texto, a leitura se torna autônoma. É de responsabilidade do professor planejar o ensino de estratégia de leitura e o ensino para a aprendizagem de conviver com o outro. Desse modo, a ação educativa contribuirá para que o aluno se sinta emancipado, perceba que cada texto lido já é um trabalho por si só, não necessitando de um conjunto de tarefas para garantir a compreensão.

A leitura e a convivência com a diversidade cultural e social devem ser objeto de ensino por isso, planejada pelos professores por meio de um projeto curricular que defina as características da intervenção pedagógica com as seguintes ideias gerais: tarefa de equipe, adaptação e contextualização da realidade escolar: compartilhamento de ideias, dúvidas e decisões acordadas e considerar a origem do

aluno. A Lei Nº10.639/2003 contribui para o que o ensino da História e da cultura africanas e dos afro-brasileiros façam parte desse plano. Mas é preciso trazer para a discussão outros segmentos da sociedade como: mulheres, deficientes, índios. Sabe-se que não é por meio de decreto que as pessoas se tornam solidárias e generosas umas com as outras, mas enquanto espaço público, a escola precisa propor e desenvolver esta capacidade nos indivíduos. "Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda." (Freire, 1983; 23)

### **Considerações finais**

Este estudo preocupou-se em mostrar a escola como um espaço onde ocorre a educação intencional, por isso precisa contribuir para uma sociedade melhor. A escola torna-se produtora de cidadania e gera mudanças, quando as práticas desenvolvidas nela criticam as ações excludentes construídas historicamente e tem a perspectiva de construir a convivência entre os diferentes. A aprendizagem significativa é uma alternativa à aprendizagem utilitarista e de massa ao fundamentar-se na leitura vinculada ao conhecimento de mundo, ou seja, na origem dos alunos que representam os vários grupos étnicos, raciais, religiosos da sociedade.

Considera que o ensino de leitura não é uma questão de curso para ensinar o professor a aplicar métodos, mas a busca da paixão de leitor nele mesmo, como elemento motivador, para que planeje as diversas situações de aprendizagem da leitura na escola, como apregoa Smith (1999). Não ignora o fato que a leitura enquanto objeto de ensino-aprendizagem não pode ser uma responsabilidade somente dos professores alfabetizadores ou dos de língua materna, mas um compromisso de todos os professores da escola, deve ser um objetivo de toda a escola por meio do projeto pedagógico e do planejamento. Fora da escola, a leitura deve ser estimulada como um bem cultural, porque a aprendizagem significativa promove a transformação do indivíduo que transforma o meio onde vive.

Por fim no que diz respeito à diversidade cultural, considera a matriz afro-descendente uma possibilidade do educando negro viver uma experiência positiva a fim de contribuir para sua auto-estima. Não adianta dizer que o negro ou os negros não gostam de ser negro, se tudo o que o aluno vê é negativo sobre sua aparência, de onde ele vai tirar que é bom ser negro neste país? Todos precisam ser respeitados pelo sua origem e pela sua identidade. O que é ser brasileiro? Ora, um dos pontos é falar da diversidade étnico-racial. Pode ter cara africana, árabe, européia, asiática ou de qualquer região do mundo. Por isso, que o estudo que leva em conta a História e a cultura africanas é fundamental pois a partir desse conhecimento é possível reconhecer um traço da identidade brasileira.

A memória compõe nossa identidade. É por intermédio da memória que construímos nossa história. Ao construir a memória, contribuimos com a lembrança que para existir precisa do outro e necessita ser compartilhada. Assim também é a obra de arte. (apud. acordacultura)

### **Referências bibliográficas**

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: autores associados: Cortez, 1983

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ªed., Rio de Janeiro: DP&A, 2006

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 9ª ed., Campinas, SP: Pontes, 2002

\_\_\_\_\_. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 8ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2002

\_\_\_\_\_. **Leitura e interdisciplinaridade tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999

OLIVEIRA, Raquel e SILVA, Maria Aparecida. **Trilhas negras e indígenas**. São Paulo: Secretaria de Educação Municipal de São Paulo, CEERT, 2008

SME/DOT. **Referencial de expectativas para o desenvolvimento da competência leitora e escritora no ciclo II do ensino fundamental**. São Paulo: SME/DOT, 2006

SMITH, Frank. **Leitura significativa**. 3ª ed., Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda, 1999

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6ª ed., Porto Alegre: ArtMed, 1998

<http://www.acordacultura.com.br> acessado em 13/04/2009

I